

Presidenciáveis duelam para atrair voto dos pobres



Confronto televisivo entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL) foi morno, com troca de acusações e poucas propostas dos candidatos para governar o país nos próximos quatro anos

Primeiro debate tem foco nos mais pobres

» VINICIUS DORIA

Os eleitores mais pobres foram o alvo principal das mensagens do presidente Jair Bolsonaro (PL) e do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no primeiro debate do segundo turno, na TV Band, em São Paulo, promovido por um pool de empresas — além da tevê paulista, o portal UOL, o jornal Folha de S.Paulo e a TV Cultura. A presença de apenas dois candidatos e as regras acordadas pelas equipes de campanha permitiram que o confronto transcorresse em ritmo ágil, sem muitas intervenções dos mediadores.

Bolsonaro pautou suas intervenções com o tema corrupção. Lula focou em seus oito anos de governo.

“Corrupto” e “mentiroso” foram adjetivos usados por ele ao longo de todo o programa. O ex-presidente vestia uma gravata em que predominavam listras verdes e amarelas e ostentava no paletó um broche da campanha contra abuso sexual de crianças e adolescentes. Bolsonaro apresentou-se de termo e gravata verde.

O debate começou com uma pergunta genérica para os dois candidatos sobre investimentos com um Orçamento limitado. Bolsonaro e Lula tiveram 1 minuto e 30 segundos para expor opiniões e propostas. Os dois disseram que é possível investir mesmo com recursos escassos. Mas foi Lula quem deu a primeira informação relevante: disse que o Congresso vai aprovar a reforma tributária “para taxar menos os mais pobres e taxar mais os mais ricos”.

A temperatura do programa se elevou quando os dois puderam participar de um debate franco, sem interrupções do mediador, cuja regra era apenas respeitar o tempo total de 15 minutos, que poderia ser administrado livremente. Ambos demonstraram habilidade, no primeiro bloco, para controlar o tempo. Lula mostrou-se mais à vontade no palco, caminhando em direção à câmera, enquanto Bolsonaro permaneceu estático. Saúde e pandemia, temperados com denúncias de corrupção de parte a parte, foram os temas mais explorados pelos dois, apesar de a primeira pergunta ser por Lula, ter sido sobre quantas universidades e escolas técnicas federais Bolsonaro inaugurou no governo.

O presidente não respondeu e mudou o assunto para o auxílio emergencial. Disse que o Bolsa-Família “pagava muito pouco” e perguntou se o adversário “não ficava vermelho” ao defender “propostas mirabolantes”. Lula respondeu que a política de distribuição de renda do governo dele não se limitava ao Bolsa-Família e citou o aumento real do salário mínimo — que não foi feito no atual governo —, a instalação de cisternas no Nordeste e o apoio aos pequenos produtores rurais. No fim, repetiu a pergunta sobre a quantidade de universidades e escolas técnicas abertas pelo atual governo, emendando com a resposta: “Apenas uma, no Tocantins, mas ele não sabe”.

Bolsonaro rebateu citando a



Quem defende a democracia e a liberdade sou eu, muito mais do que ele”

Luiz Inácio Lula da Silva

pandemia, tema que acabou dominando boa parte do bloco. Segundo ele, universidades e escolas ficaram fechadas durante a crise sanitária. E, rapidamente, rebateu com a informação do endividamento de mais de 1 milhão de jovens beneficiários do Fies, o programa de financiamento para estudantes. “O senhor endividou a garotada”, acusou Bolsonaro. Lula aproveitou o gancho e voltou com a discussão para pandemia, citando que o Brasil foi responsável por 11% de todas as mortes do mundo por covid-19 antes de perguntar sobre os motivos de as vacinas terem chegado com atraso no país.

Bolsonaro respondeu que o país foi o que mais vacinou no mundo, negou as acusações de corrupção na compra de imunizantes e declarou que o Brasil foi o país que melhor conduziu a crise sanitária. “Me preocupi com cada morte no Brasil”, disse Bolsonaro. Lula rebateu acusando o atraso na aplicação de vacinas. Disse que o presidente “não acreditou na pandemia”, não visitou nenhuma família entulhada pela doença. Bolsonaro aproveitou

uma das declarações para dar o primeiro golpe abaixo da linha de cintura. O ex-presidente disse que perdeu uma sogra para a covid e ouviu do chefe do Executivo que o petista “fez discurso sobre o caixão da esposa (Maria Leticia) e, agora, lamenta no caixão da sogra”.

Na abertura do segundo bloco, em que as perguntas foram feitas exclusivamente por jornalistas do pool, Vera Magalhães levantou a tese de aumento do número de integrantes do Supremo Tribunal Federal (STF). No primeiro debate do primeiro turno, ela foi agredida verbalmente pelo presidente, que a chamou de “vergonha do jornalismo brasileiro”. Desta vez, Bolsonaro dirigiu-se a ela como “prezada jornalista Vera, satisfação em revê-la”.

Sobre o STF, ambos declararam que não pretendem encampar esse tipo de proposta, de aumento do número de integrantes da Suprema Corte. Enquanto Lula defendeu que presidentes “não podem ser amigos de ministros do Supremo”, e que estes devem ser escolhidos “por currículo”, Bolsonaro disse que, se eleito, vai ter duas indicações para fazer que, somadas às duas que fez neste mandato, “equilibra as forças” em relação aos cinco ministros nomeados nos governos petistas.

Orçamento secreto

Sobre as denúncias de uso político do Orçamento, Bolsonaro disse que “não tem nada a ver com orçamento secreto”. “Eu queria que esse orçamento estivesse na minha mão”, complementou. Lula falou em dar transparência aos recursos públicos e que vai se empenhar para adotar, no governo federal, o orçamento participativo,



Tentaram me atingir no que tenho de mais sagrado: a defesa da família”

Jair Bolsonaro

alguns contrapontos e minimizar o prejuízo de ver Bolsonaro falando sozinho. O presidente levantou, no encerramento do programa, temas da agenda conservadora de costumes, com declarações contra o aborto, a “ideologia de gênero”, tradição cristã e a política de armar a população civil como sendo para “auto-defesa”. “Não queremos que nossos filhos, ao irem para a escola frequentem o mesmo banheiro, como quer o lado de lá”, “nós queremos um país sem drogas, o lado de lá quer liberar as drogas”, “pele respeito à legítima defesa” foram algumas de suas considerações finais.

Ao concluir sua participação, o ex-presidente Lula disse que Bolsonaro “é o cara com a maior cara de pau para contar inverdades aqui”. Lembrou que foi ele quem sancionou a Lei de Liberdade Religiosa, disse: “quem defende a democracia e a liberdade sou eu, muito mais do que ele”. Ainda chamou Bolsonaro de “pequeno ditadorzinho que quer ocupar a Suprema Corte”. Os dois candidatos voltaram a se encontrar no dia 28 — antevespera da eleição —, no segundo e último debate desse segundo turno, nos estúdios da TV Globo, no Rio de Janeiro.

O terceiro bloco repetiu o modelo do primeiro, com uma pergunta do mediador e, depois, 15 minutos para um embate direto. Dessa vez, Bolsonaro mostrou-se mais à vontade no palco e várias vezes, aproximou-se do adversário para desfiar acusações. Lula administrou mal o tempo e, quando estourou os 15 minutos que tinha direito, viu seu adversário com mais de 6 minutos para falar sem ser contrariado.

O petista conseguiu um minuto adicional, antes das considerações finais, no único direito de resposta concedido em todo o programa, que permitiu fazer

Moro rouba a cena no estúdio

A presença do ex-ministro e senador eleito Sérgio Moro (União-PR) roubou a cena nos bastidores do debate eleitoral, na noite de ontem, em São Paulo. O ex-juiz, que fez as pazes recentemente com o presidente, chegou à emissora acompanhado pelo coordenador de comunicação da campanha de Jair Bolsonaro (PL), Fábio Wajngarten, e foi recebido como convidado de honra pelo chefe da bancada.

Na saída, ao lado de Bolsonaro, Moro voltou a associar o PT ao crime organizado e às facções criminosas. “Sou contra o Lula e contra a volta do PT”, afirmou. Questionado pelos jornalistas sobre a acusação de interferência do presidente na Polícia Federal — escândalo que levou à ruptura com o governo em abril de 2020 —, o senador eleito encerrou a entrevista.

Apesar do grande esquema de segurança, o primeiro debate do segundo turno foi pouco prestigiado. Entre os convidados do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o ex-ministro do Meio Ambiente e deputada federal eleita, Marina Silva (Rede-SP), e o deputado eleito Guilherme Boulos (PSol-SP). Do lado oposto, o deputado estadual eleito, Tomé Abuchah (Bem-Brasil-SP) e o advogado da família Bolsonaro Frederick Wassel.

Troca de farpas

Durante a sabatina, Bolsonaro acusou o ex-presidente da Câmara dos Deputados Rodrigo Maia (PSDB) de ser o criador do orçamento secreto. Nas redes sociais, o ex-deputado rebateu a

acusação e chamou o presidente de “pai do orçamento secreto”. Ele afirmou que, tanto Bolsonaro quanto o ex-ministro da Casa Civil Luiz Eduardo Ramos, assinaram a criação do mecanismo.

Ao falar sobre a Petrobras, o chefe do Executivo estendeu a mão e encostou no ombro de Lula. Ao perceber, o ex-presidente desviou, andou para o fundo do cenário e aguardou o adversário terminar de discorrer as acusações. O mesmo gesto ocorreu mais uma vez durante o debate, que tinha uma dinâmica em que um candidato deveria ficar ao lado do outro. Pelo Twitter, os telespectadores comentaram a atitude.

O debate colocou a Band na vice-liderança de audiência. A Quast contabilizou quase 550 milhões de interações nas redes sociais.



Presença inusitada foi a do ex-ministro e senador eleito Sérgio Moro (União-PR)

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

**Seção:** Política **Página:** 2